UM PERCURSO HISTÓRICO PELA PSICANÁLISE DE CRIANÇAS, COM BASE NA *REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE.*

Prof. Iúri Yrving Müller da Silva, Dr. em Psicologia pela Unesp /Assis/SP, professor do curso de Psicologia da FAP/Tupã.
psicologia.coordenadoria@fadap.br
Prof. Jorge Luís Ferreira Abrão, Livre-docência em Psicologia Clínica pela Unesp/Assis/SP, professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia da Unesp/Assis/SP.
Prof.ª Luana Valera Bombarda, Ma. em Saúde Coletiva pela Unesp/Botucatu/SP, professora do curso de Psicologia da FAP/Tupã/SP.
luana.bombarda@fadap.br

Resumo. Este trabalho trata da análise qualitativa dos dados de um estudo quantitativo apresentado no artigo A *Revista Brasileira de Psicanálise* em números: um estudo quantitativo sobre o tema psicanálise de crianças, publicado no ano de 2022, na Revista Ciências FAP. Inicialmente, foram formuladas três categorias para a análise dos artigos. Em seguida, para a continuidade do trabalho, serão apresentados quatro momentos históricos do periódico, a fim de facilitar uma melhor contextualização da Psicanálise de Crianças no Brasil por meio da produção teórica na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Influências de autores estrangeiros, pioneiros em relação aos autores nacionais, também serão analisadas. Estudo como esse se faz necessário, para se compreender sobre a importância do desenvolvimento da psicanálise em nosso país, bem como a interrelação com os autores estrangeiros.

Palavras-chave: História. Psicanálise de crianças. Revista Brasileira de Psicanálise.

Introdução

A evolução da Psicanálise de Crianças no Brasil representada por meio da *Revista Brasileira de Psicanálise* comporta muitos desdobramentos aos quais não fizemos alusão no artigo anterior, intitulado “A Revista Brasileira de Psicanálise em números: um estudo quantitativo sobre o tema psicanálise de crianças”, publicado no ano de 2022, na Revista Ciências FAP.

Os dados apresentados a seguir apontam possibilidades de leituras embasadas nas características a respeito da divulgação e consolidação da produção teórica sobre o tema, na *Revista Brasileira de Psicanálise*, e que, de certa forma, delinearam a prática analítica com crianças em nosso país. Neste momento, os dados serão apresentados de maneira qualitativa.

A partir deste momento, cabe um adendo. Os artigos localizados no periódico são, em sua maioria, de psicanalistas nacionais, porém, trabalhos de autoria de psicanalistas internacionais também formam o corpo da Revista. Em certos momentos, serão analisadas algumas contribuições destes psicanalistas internacionais, que ajudarão a determinar alguns momentos históricos da pesquisa. De todo modo, a análise qualitativa permanecerá concentrada nos artigos de autores nacionais.

Os Artigos e suas Categorias

Em uma detalhada apreciação dos artigos sobre psicanálise de crianças na Revista, encontramos um total de 107 artigos. Sendo que 89 foram escritos por autores nacionais, e o restante, contribuições de autores internacionais.

Dessa forma, os resultados obtidos para análise permitiram a construção de três categorias, as quais se dispõem da seguinte maneira:

- 80 artigos cujas questões teóricas e técnicas são apresentadas, discutidas e aprofundadas, em sua maioria complementadas com um caso clínico;
- 20 relatos de atendimentos de crianças e adolescentes;
- 7 artigos que buscam desvendar os meandros que marcaram as peculiaridades sobre esta modalidade de atendimento à criança em nosso país.

Os artigos da Revista foram lidos, analisados e divididos em três categorias: 1 - artigos históricos; 2 - artigos teóricos; 3 - artigos clínicos.

Os critérios adotados para definição de tais categorias passaram a ser configurados, à medida que foram sendo realizadas as leituras dos artigos, cuja seleção pautou-se pelas seguintes características:

1 - artigos que relatam a história da implantação e consolidação da prática de análise de crianças em nosso país.

2 - artigos que trazem contribuições e avanços teóricos e técnicos da teoria psicanalítica sobre infância, aliados a matizes teóricas e técnicas de autores de referência internacional.

3 - artigos que relatam e discutem atendimentos clínicos em psicanálise de crianças e adolescentes.

Com o intuito de contextualizar a *Revista Brasileira de Psicanálise,* dentro do panorama da psicanálise brasileira, na segunda metade do século XX, também utilizaremos um modelo cronológico que retrate a evolução deste periódico nacional.

Assim, os modelos apresentados acima irão sobrepor-se um ao outro, no momento da discussão dos artigos. Salientamos, ainda, que a apreciação crítica do conteúdo do periódico é o tópico da análise qualitativa do capítulo a seguir, na presente pesquisa.

A descrição dos artigos, influências, contextualização histórica e sua coadunação com a realidade brasileira

A partir de agora, conforme enunciado anteriormente, a análise dos artigos será realizada por meio da apresentação de quatro momentos históricos, já que o periódico conta com mais de quarenta anos de existência e os objetivos da pesquisa delimitam o período de 1967 a 2007.

O primeiro período histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, delimitado de 1967 a 1976, é marcado pela primeira década de existência do periódico. Tem em seu início a contribuição do artigo da psicanalista argentina Arminda Aberastury[1] "La existencia de la organización genital en el lactente" (1967). No presente artigo, a autora postula a existência de uma fase genital, que precederia a fase oral que, portanto, anteciparia a fase anal. Também destaca a relação do nascimento dos dentes à fase genital que descreve. Trata-se de um trabalho teórico, no qual é citado um caso de fobia em uma menina de onze meses, além de dados da observação do

[1] Pioneira do movimento psicanalítico argentino, seguiu a linha de ensino de Melanie Klein, desenvolvendo a psicanálise da criança em seu país, sendo também a primeira tradutora da obra de Klein para a língua espanhola.

bebê, no primeiro ano de vida. O significado deste artigo merece comentários sob dois aspectos: teórico e histórico. O primeiro comentário justifica a importância teórica do período ao qual a autora denomina de fase genital prévia, conceito este que tem relação com a ideia de complexo de Édipo arcaico de Melanie Klein, demonstrando a influência do pensamento kleiniano na psicanálise de crianças, na Argentina e, por conseguinte, no Brasil. Outro aspecto a ser considerado refere-se à influência da psicanálise argentina de crianças, liderada por Aberastury sobre a psicanálise brasileira, pois, durante a década de 1960 e 1970, a autora ministrou conferências, palestras e grupos de estudos em nosso país.

No mesmo volume, a psicanalista brasileira Lygia Alcântara do Amaral publica o artigo intitulado “Adolescência” (1967). Traz considerações em torno da passagem da fase de latência para a genital, por meio do estudo de dois casos clínicos. O estudo em questão também aborda a influência exercida pelos pais na viabilidade do tratamento analítico de adolescentes, bem como esclarece o leitor sobre a natureza da adolescência.

Dentro do mesmo tema, Frank Philips[2] discute “A função da adolescência” (1967), delineando o uso que faz da teoria de Bion, na análise de adolescentes, pelos conceitos do complexo de Édipo, das posições esquizo-paranóide e depressiva, definidas por Klein, como também por sua teoria sobre inveja e identificação projetiva.

E em “A simbolização vista através da análise de uma criança” (1970), Milton Zaidan, procura estabelecer a importância do assunto, afirmando que a simbolização é uma capacidade inata do ego, que obedece a determinadas funções, as quais, por sua vez, obedecem a um processo de desenvolvimento, não sendo somente a expressão de uma maneira primitiva de pensar. Considera regressivo o uso do símbolo, como forma de descarga de impulsos sem qualquer elaboração consciente e ilustra suas ideias com um caso de esquizofrenia infantil, em uma criança de quatro anos.

O artigo “Considerações sobre o conceito de latência” (1970), de autoria de Manhães, traz reflexões sobre o período de latência, concebendo a mesma como uma fase intermediária do processo normal do desenvolvimento, caracterizada pelo seu

[2] Nascido na Austrália, migrou para o Brasil, onde iniciou sua formação analítica que fora concluída na Inglaterra. Em seguida voltou ao Brasil, onde se associou à Sociedade Psicanalítica de São Paulo, contribuindo muito para a expansão da mesma. Por este fato, passa a ser considerado um psicanalista brasileiro.

grande dinamismo e na qual se processam a atuação dos elementos regressivos e progressivos das forças do desenvolvimento. Chama a atenção, também, para o fato de ser muito marcante, nesse período, a procura pela identidade.

Em 1973, o analista argentino Medina, pleiteia em seu artigo em espanhol um "Ensayo de integración entre algunas teorias de W. R. Bion con las del psiquismo fetal", mediante especulações referentes ao psiquismo fetal, levando em conta a experiência clínica com pacientes regredidos a níveis primitivos do desenvolvimento humano, durante o processo analítico. Parte das concepções de Freud e Klein sobre as fantasias primitivas, para logo estabelecer uma integração entre estes conceitos com a teoria de Bion sobre a capacidade de reverie, a função alfa. Exemplifica suas observações por meio de um caso que mostra, de maneira clara, as fantasias sobre o período fetal, vividas na relação transferencial com o analista. O presente artigo tem sua relevância pela introdução das ideias do psicanalista Bion, que teve forte influência na produção psicanalítica brasileira a partir dessa década, chegando a ministrar conferências e supervisões, em nosso país, na década posterior.

A seguir o grupo de analistas cariocas, formado por Schneider, La Porta, Cabernite, Besouchete e Ribeiro, aprofunda, por meio de relatório, a análise do assunto "O conflito das gerações" (1973), abordando a evolução psíquica e a organização da realidade interna da criança, preparando o terreno para a compreensão psíquica da adolescência, quando explode o conflito das gerações. O relato é concluído, destacando o papel da inveja recíproca como função decisiva no conflito das gerações, mas sempre junto com os elementos fisiopatológicos estudados, resumidamente, ao longo desta contribuição.

Outro grupo de analistas, agora paulistanos, discute o mesmo assunto sob o título "Conflito de gerações, emergentes de novas idéias" (1973), e entende o citado conflito, como sendo endopsíquico. Caracteriza o conflito de gerações, não como um conflito decorrente de diferenças etárias, mas sim pelo choque do encontro ou convívio de diferentes estruturas de personalidade. Para os autores, ser da nova geração é ter uma estrutura mental flexível, capaz de receber, conceber, criar ideias novas por meio da reformulação ou de novas configurações extraídas do velho, enquanto que ser da velha geração é ter uma estrutura mental rígida, conservadora, dogmática, cristalizada e saturada.

Complementando a temática abordada anteriormente, segue o artigo “Conflito das gerações – Sexo X Tóxico” (1973), no qual Azulay considera que a geração contestadora criou, consciente ou inconscientemente, maneiras saudáveis de contestar, por meio de liberdade de horário, minissaia, pílula anticoncepcional, temor de guerra nuclear, melhoria nos níveis econômico, social e cultural e liberdade sexual. Preconiza, ainda, que, se tal maneira saudável de contestar não acontecer, podem aparecer dificuldades de elaboração de ansiedades diversas. Assim, o conflito poderá se deslocar para outra área de contestação: os tóxicos.

Os anos de 1975 e 1976 são marcados pela temática adolescência. O analista argentino Korin (1975), discute a analisabilidade de adolescentes em “Os adolescentes e a prática psicanalítica”. Já o gaúcho Osório apresenta novas técnicas terapêuticas empregadas no trabalho com os mesmos em “A comunicação na análise de adolescentes” (1976), lembrando que existe uma diferença entre a análise de adolescentes, crianças e adultos. Ainda salienta que, do mesmo modo que com a técnica da análise infantil, novas perspectivas estavam sendo levadas em consideração no trabalho com os jovens na época.

Encerra-se, aqui, a fase denominada de primeiro momento histórico do periódico. A descrição dos artigos citados nos permite a realização de algumas contextualizações com o que ocorria no mundo e, em especial, no Brasil e na Sociedade Psicanalítica Brasileira, tanto no âmbito científico, quanto no social. Nota-se uma preocupação dos autores em buscar um referencial teórico e técnico capaz de embasar suas práticas com crianças sob um olhar psicanalítico. Por isso, encontramos, nos trabalhos deste período, a prevalência de artigos técnicos e teóricos. Tais trabalhos são frutos de uma prática analítica com crianças em nosso país, fortemente influenciada pela psicanálise argentina, afinal, durante o período delimitado, analistas argentinos vinham ao Brasil ministrar cursos, grupos de estudo e supervisões. A temática adolescência também aparece com grande frequência, devido à mesma influência apresentada acima. Na época, os psicanalistas Aberastury e Knobel desenvolviam trabalhos com adolescentes sob uma perspectiva kleiniana. O fruto de tal trabalho consolida-se na publicação do livro “Adolescência normal: um enfoque psicanalítico” (1981). O livro torna-se referência para os profissionais brasileiros na época.

O segundo período histórico, delimitado de 1977 a 1986, traz em seu bojo trabalhos como “Uma criança em silêncio” (1977) de Noé Marchevsky**,** que consiste no relato do caso clínico de um menino que, aos seis anos e meio de idade, foi levado a tratamento, devido a distúrbios do comportamento e do sono, asma e obesidade. Em seguida, o trabalho intitulado “Contribuição da análise de crianças ao ensino de análise de adultos” (1977), de Settlage, salienta a importância do tema. O ano de 1980 tem seu início com o trabalho de Maurício Knobel[3] sobre “A inclusão do ‘Acting-out’ terapêutico, na interpretação durante a psicanálise de adolescentes”. Já o artigo seguinte, de autoria de Suely C. Alves, discute a ‘Ilusão de *holding*’ e a função materna”. Nele a autora tece considerações teóricas preliminares sobre aspectos evolutivos do indivíduo, desenvolvimento sobre fases mais primitivas que sofreram considerável repressão. Conclui que os processos de repressão nunca são totais, e cita restos de estruturas mais primitivas, que permitiriam a criatividade do indivíduo, a cada momento de sua vida. O ano de 1980 segue com o relato clínico de Noé Marchevsky, “Três sonhos de um adolescente obsessivo”.

Em 1981, Galina Shneider salienta “A participação e a orientação das figuras ambientais na análise de crianças, adolescentes e psicóticos”, e propõe uma mudança no ponto de vista da intromissão dos familiares na terapia de tais pacientes, por meio da transformação da chamada intromissão em aliança terapêutica com os familiares e a entrevista familiar, como instrumento diagnóstico, a fim de evitar as contra-indicações e os insucessos terapêuticos com tais pacientes. Izelinda Garcia Barros, no ano de 1982, publica “Técnica em análise de criança”, enfatizando que os trabalhos de Melanie Klein constituíam a principal referência teórica e técnica na condução da análise de crianças na época. No mesmo contexto e ano, Myrna Pia Faville e Sonia Azambuja, em artigos distintos, intitulados “Reflexões sobre o tema: Técnica de psicanálise de crianças” e “Reflexões sobre a Técnica de psicanálise de crianças e adolescentes”, retomam o tema proposto, trazendo contribuições sobre o que se entendia na época sobre análise de crianças e adolescentes e propondo a criação de um espaço analítico para o êxito, na análise dos mesmos.

[3] Analista argentino que se mudou para o Brasil, onde desenvolveu trabalhos psicanalíticos de peso dentro das universidades. Referência por ser um dos primeiros professores universitários ligados a cursos e programas de pós-graduação em Psicologia a acolher a psicanálise como referencial teórico.

David E. Zimmermann[4] traz a possibilidade da "Analisabilidade, em relação à psicopatologia precoce" (1982), utilizando o desenvolvimento psíquico e as experiências psicopatológicas precoces para determinar a analisabilidade ou suas limitações, obstáculos, ou mesmo sua impossibilidade em pacientes com traumas, privações, maus relacionamentos com objetos importantes. Rosa Beatriz Pontes Miranda em "Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico" (1982), comenta que há algo de único na relação mãe-filho, aproximando o trabalho analítico com crianças ao desenvolvimento emocional da relação real mãe-filho. Exemplifica com um caso clínico o desenvolvimento emocional de uma criança, tal qual ocorre na relação mãe-filho.

Geny Talberg relata em "Alguns aspectos na evolução do tratamento psicanalítico de uma criança de três anos de idade" (1982) sua experiência psicanalítica. Tomando por base o material clínico apresentado, a autora focaliza alguns dos mecanismos mentais que a criança atendida lança mão, para se proteger das situações dolorosas de separação que enfrentara. Traz situações em que a perda desencadeou na criança sentimentos de pânico e fantasias de aniquilamento do ego durante o tratamento analítico.

No artigo de 1983, "Nascimento e autismo: considerações sobre a relação psicótica precoce mãe-bebê", Adriano Giannotti e Giuliana de Astis enfatizam como alguns sinais precursores, presentes, no primeiro ano de vida, podem denunciar o subsequente colapso com a realidade, em pacientes psicóticos.

Em "A análise de criança na formação psicanalítica" (1983), Maria P. Manhães utiliza de sua longa experiência em clínicas de orientação infantil, como respaldo para justificar a relevância de tal prática na formação do analista, independente de sua especialidade.

Após um hiato de três anos sem artigos de autores nacionais publicados sobre o tema crianças e psicanálise, Rosanne Friedman Sigres, em 1986, publica "Tentativa de abordagem psicanalítica de um caso de autismo infantil", no qual procura

[4] Analista gaúcho que sistematizou, em manuais de técnicas psicanalíticas, as principais correntes psicanalíticas provenientes da Europa e dos EUA. Seus manuais também encontraram grande ressonância na formação de psicólogos que trabalham com referencial psicanalítico.

compreender a etiologia do caso e verificar como a criança vai passando da percepção de um objeto autista para um objeto separado do eu.

1. Inaura Carneiro Leão inicia “Identificação e suas vicissitudes, conforme observada na adolescência” (1987), tendo como principal objetivo fazer algumas considerações sobre o tópico identificação e sua conexão com a identidade e internalização, levando em conta os conceitos de *self* e de narcisismo. Depois, discute a teoria psicanalítica da adolescência e, finalmente, as vicissitudes das pulsões, conforme observadas, no processo da adolescência.

Relembrando a importância da “Observação da relação mãe-bebê – instrumento de ensino em psicanálise”, Marisa Pelella Mélega, em 1983, expõe sua experiência em supervisionar o trabalho de observação da relação mãe-bebê. Centra seu relato na emoção do candidato que se dispõe a ser observador e, assim, ressalta o papel do observador e a sua importância, no seminário de observação, para que haja aprendizado psicanalítico.

Finalizando o segundo momento histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, David Léo Levisky traz “‘*Acting out’* na análise de crianças: um meio de comunicação” (1987), abordando o fenômeno citado na relação transferencial-contratransferencial, durante a análise de crianças. Entende este processo, como um meio primitivo de comunicação que se realiza por meio de identificações projetivas maciças.

Chegamos ao fim de mais um momento histórico e podemos observar que o mesmo foi marcado por forte interesse pelas temáticas autismo, psicose e adolescência; bem como questões teóricas e técnicas do ensino e aprendizagem da psicanálise. Tais características que diversificaram o periódico, talvez apontem para o acontecimento que vem a seguir e que será descrito, no terceiro momento: a regulamentação e reconhecimento Institucional da Psicanálise de Crianças, em nosso país, que ocorrerá no ano de 1988.

A signatária do terceiro momento histórico, datado de 1988 a 1997, alerta-nos para a regulamentação da especialidade, como dito anteriormente. A conclusão que se impõe, com base nos acontecimentos que marcaram tal fato, resulta em um volume especial, dedicado à temática Psicanálise de Crianças, contando com os seguintes trabalhos:

- “Comunicação em análise de crianças” (1988), de autoria de Tânia Rauen Bastos;
- “Algumas reflexões sobre a contratransferência na análise de crianças e adolescentes” (1988), de Frederico Seewald e Nara A. Caron.
- “Masturbação e maternalidade” (1988), de Ana Maria B. Iencarelli.
- “A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica” (1988), redigido pela dupla Eliane P. de Farias e Sônia Eva Tucherman.
- “Ansiedades pré-edípicas num menino adotado” (1988), também de dupla autoria de Maria L. S. Zavaschi e Marlene S. Araújo.
- “Psicanálise da criança – introdução da família no tratamento” (1988), escrito por Maria P. Manhães.
- “Aspectos históricos do desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil” (1988), produzido em partes por Virgínia L. Bicudo, Marlene S. Araujo, Maria P. Manhães e Mara S. de Souza.

Especificamente em relação ao volume especial de 1988, observa-se uma concentração de artigos sobre a história da psicanálise de crianças em nosso país. O editor da Revista, em fase final de gestão, aponta:

> Neste final de gestão quero deixar ao público leitor (um presente para mim) a realização do primeiro número temático brasileiro inteiramente voltado à Psicanálise da Criança. Tanto na literatura nacional como estrangeira os trabalhos psicanalíticos dedicados à análise de crianças são relativamente esparsos comparados ao volume de trabalhos de Psicanálise geral. (LEVISKY, 1988, p. 550).

Ainda neste volume, o último trabalho merece atenção, pois procura narrar aspectos históricos do desenvolvimento da análise de crianças em diferentes regiões de nosso país. Bicudo apresenta dados de São Paulo, enquanto Araújo destaca informações do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Locais onde a psicanálise encontrou campo profícuo para expansão e divulgação em todas suas áreas.

Passemos para a descrição dos artigos sobre psicanálise de crianças que se encontram dispersos no restante da década. Em 1989, José F. Gama e Silva escreve "A unidade básica, o autismo primário normal, a ansiedade de separação e processo de identificação projetiva". Com o objetivo de articular um modelo teórico que aumentasse a compreensão do fenômeno clínico, na vertente mais primitiva das relações de objeto e do funcionamento mental. Para tanto, o autor discute os três conceitos contidos no título do artigo e apresenta um caso clínico de uma criança de 6 anos.

O ano de 1990 é caracterizado por um volume especial dedicado a organizar as principais contribuições de Winnicott, para o desenvolvimento de um modelo corrente em nosso país. Preocupação premente dos autores que se esforçaram para que não acontecesse o mesmo erro em relação à teoria de Melanie Klein e sua difusão no Brasil. Os trabalhos publicados e seus autores são:

- "A teoria do desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott", de Eloísa Helena Rubello Valler.
- "Algumas idéias sobre Winnicott", de autoria de Sérvulo Augusto Figueira.
- "Winnicott e A experiência artística", escrito por Rogério Luz.
- "O jogo dos rabiscos", redigido por Maria Ivone Accioly Lins.
- "Encantos e desencantos dos contos de fada", de Anna-Maria de Lemos Bittencourt
- "Donald Winnicott, 19 anos depois", de Júlio de Mello Filho.

Ainda encontramos ressonância de Winnicott e sua teoria sobre a delinquência, no trabalho de Cyro Martins, "Bases psicodinâmicas da delinqüência", datado de 1991.

No mesmo ano, Elizabeth Lima da Rocha Barros discute "Crescimento emocional e análise de crianças". Sugerindo que Bion, ao propor uma representação do funcionamento mental, baseado tanto na relação continente-contido, quanto num estado de equilíbrio e oscilação da posição esquizo-paranóide e depressiva, apresenta um modelo de funcionamento mental em constante movimento. Ilustra a

hipótese acima, descrevendo o período da análise de um menino de 5 anos, e suas mudanças psíquicas durante o tratamento.

Já em 1992, José Otávio Fagundes tece comentários sobre a questão da imitação e criação em psicanálise em “O brincar na análise de uma criança – reflexão sobre a imitação e criação”. Fagundes coloca que a imitação está mais ligada à estereotipia do aspecto racional e objetivo, enquanto a criação encontra-se mais relacionada ao aspecto imaginativo, intuitivo e subjetivo. Aborda a análise de uma criança, em que o brincar do analisando e o brincar do analista foram abrindo caminhos mais criativos para ambos.

O artigo “Aquisição gradual da capacidade de autocontinência emocional e da noção de identidade por uma criança autista e comunicação expressiva do analista”, de Teresa Rocha Leite Haudenschild, abre o ano de 1993. A autora inicia sua exposição apresentando as principais concepções teóricas dos trabalhos, decorrentes de Melanie Klein e Bion acerca da introjeção de um bom objeto e de um objeto continente. Ainda em 1993, Marisa Pelella Mélega, valendo-se de sua experiência analítica com crianças e com a observação da relação mãe-bebê, sugere uma ampliação do conceito constituição em psicanálise em “Constituição versus ambiente: diálogo decisivo na formação e transformação psíquica”.

Depois de um período cronológico de 2 anos sem a Revista abordar o tema psicanálise de crianças, em 1995, Edna Vilete traz “O brinquedo e o sonho”. Valendo-se de uma experiência clínica e do relato de um sonho de seu paciente, a autora aborda ideias relacionadas à comunicação primitiva no *setting*, ao desenvolvimento do processo primário e à reconstrução de experiências pré-verbais.

O ano de 1996 é rico para produção e divulgação teórica sobre psicanálise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*. Ganha o volume especial comemorativo dos 30 anos de existência do periódico com o tema “Psicanálise de crianças e adolescentes”, atingindo a maior concentração de artigos sobre o tema, chegando a atingir o patamar de produção equivalente há uma década. Neste volume localizam-se os seguintes trabalhos:

- “Psicanálise de crianças: um terreno minado?”, de Alicia Beatriz Dorado de Lisondo, Elza Scazufka Marba Ribeiro, Iara S. Bondoli de Souza Noto, Mariza S. Inglez de Souza e Nilde J. Parada Franch.
- “Sobre o início da análise de criança: algumas particularidades”, redigido por Áurea Maria Lowenkron.
- “Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas *borderline”,* contribuição de Anne Alvarez.
- “Da alucinação ao sonho: da evacuação à tolerância à dor, na análise de um pré-adolescente”, de Antonino Ferro.
- “Adolescência: confronto, risco, parceria”, redigido por Antonio Luiz Serpa Pessanha.
- “O tratamento da angústia na criança maníaca”, de Cléopâtre Athanassiou Popesco.
- “Hans e o pequeno homem galo”, de Izelinda Garcia de Barros.
- “A ‘criança’ da psicanálise: algumas reflexões sobre a metáfora”, produção de Janete Bandarovsky e Marlene Braz.
- “Psicanálise e psicoterapia com crianças e adolescentes”, de José Iencarelli Filho.
- “Cavalo de fogo, a dona do mundo e outros heróis ou o primado da alucinação”, de Maria Helena de Souza Fontes.
- “Transicionalidade e suas vicissitudes”, escrito em conjunto por Maria Helena Raimo C. Oliveira, Marlene Rosenberg e Mirian Malzyner.
- “Arco-íris e fatas morganas de (-k) a (k)”, de Maria Stela de Godoy Moreira.
- “Reflexões em torno de uma supervisão com Wilfred Bion”, de Marisa Pelella Mélega.
- “Interação psicanalítica com pais”, de Marli Claudete Braga.
- “A violência de um menino de doze anos como alternativa à morte psíquica”, de Miguel Sayad.
- “Aspectos não verbais em análise de crianças”, de Nélio Wanderley do Sacramento.

- “Adolescência e defesas fóbicas”, de Neyla Regina A. Ferreira França.
- “Crianças passionais”, de Paulo Luis Rosa Souza e Bruno Salésio da Silva Francisco.
- “Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição – dilemas na contratransferência”, de Ruggero Levy.
- “Refazendo passos iniciais da constituição da realidade psíquica na análise de uma criança de seis anos”, publicação de Teresa Rocha Leite Haudenschild.

Juntamente com o volume especial descrito acima, outros acontecimentos fizeram do ano de 1996 para a *Revista Brasileira de Psicanálise* um ano especial, como a concretização dos seguintes projetos:

> O primeiro, que ora concluímos, é a publicação deste número 1 do volume XXX, sobre o tema Psicanálise de Crianças e de Adolescentes, uma idéia antiga e solicitação maciça de nossos colegas e leitores. Nossa iniciativa de ativamente propor a temática foi gratificante. Recebemos mais de trinta trabalhos para seleção.
> Como homenagem – tanto ao pioneirismo necessário para a difusão da Psicanálise e aos novos grupos de estudo da ABP – decidimos promover o lançamento oficial deste número em Minas Gerais, durante o Simpósio sobre o pensamento winnicottiano em Belo Horizonte, neste mês de maio. O convite dos colegas de Belo Horizonte, sob a responsabilidade da SPRJ, demonstra também o reconhecimento da importância da *RBP* como difusora do pensamento psicanalítico nacional e fator integrativo de psicanalistas dos diversos pontos do país. (MONTAGNA, 1996, p. 5).

Além dos projetos citados acima, também se destaca a inserção do periódico na Internet, com algum benefício para os leitores, tendo o que chamamos de *home page* na rede, em caráter pioneiro. Esta página passa a ser um espaço onde se disponibilizam informações com o objetivo de veicular qualquer usuário da rede no país e no mundo.

Ainda em 1996, em volume posterior, Gildo Katz e Gley P. Costa publicam “O adolescente e a família pós-moderna”, tecendo considerações sobre a importância do pai, estabelecem o conceito de privação paterna. Examinam, ainda, as consequências da privação paterna na sociedade atual e na família, em particular. Na sequência, “Vingança e ressentimento na ‘situação edípica’” (1997), do analista britânico John

Steiner, aponta a influência de psicanalistas internacionais na produção brasileira e no trabalho de crianças com tais patologias, durante a década estudada.

Chegando ao final do penúltimo período histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise*, analisado pela presente pesquisa, podemos tecer algumas considerações mais aprofundadas.

Uma dessas considerações tem relação com os volumes especiais sobre o tema psicanálise de crianças, publicados em 1988 e 1996. Os mesmos são capazes de demonstrar, por um lado, o reconhecimento, o avanço e a pluralidade da psicanálise de crianças, no âmbito científico em nosso país. Por outro lado, no âmbito social, notamos um esforço das Sociedades de Psicanálise, em atender uma demanda da sociedade contemporânea: o fortalecimento de um ideal cada vez mais difundido de preocupação com o infantil e a criança.

Para confirmar as considerações acima, basta comparar os dois volumes citados. No primeiro, encontramos trabalhos, temas e autores em um número inferior, porém maior do que nos momentos históricos discutidos anteriormente. Vemos claramente uma preocupação de validar a prática analítica com crianças, por meio de artigos em que foram feitos resgates históricos. Já no segundo, percebemos um aumento substancial no interesse de psicanalistas de novas Sociedades de Psicanálise, dedicados ao trabalho com crianças e adolescentes, que encontraram um campo profícuo na *Revista Brasileira de Psicanálise* para divulgar sua produção teórica. Observamos, também, uma miríade de temas discutidos e um aumento no espectro de casos de crianças atendidas pela psicanálise, por meio da influência de psicanalistas de diversas partes do mundo, mas com um estilo próprio e original.

Esforço recompensado pelo trabalho das décadas anteriores, quando ainda se discutia a viabilidade da análise de uma criança.

Finalmente, podemos caminhar para o último momento histórico delimitado – 1998 a 2007.

Neste período, os trabalhos publicados colorem a *Revista Brasileira de Psicanálise* com nuances distintas. O primeiro trabalho sobre o tema, no período apresentado, é de autoria de Roberto Barberena Graña, com o título “Relação, destruição e uso de objeto: egoidade e alteridade numa perspectiva epistêmica winnicottiana” (1998). Este artigo colocou em discussão as noções de interioridade e

exterioridade e de eu e outro na obra de Winnicott. Valendo-se de situações clínicas, relatadas pelo próprio autor, busca-se articular as novas categorias propostas com base na ideia da transicionalidade, com originais conceitos freudianos, relacionados ao narcisismo e à transferência. O autor ilustra com caso clínico infantil, em tentativa de identificar influências filosóficas na construção do pensamento winnicottiano, concluindo com um breve comentário acerca da experiência do uso de um objeto na formação do psicanalista de crianças.

No ano seguinte, encontramos a contribuição e influência do trabalho do analista britânico Abrahão H. Brafman, intitulado “Tirando partido das influências mútuas entre pais e filhos” (1999). O presente trabalho discute a questão da inclusão dos pais, nas consultas terapêuticas com crianças, e nos permite compreender as razões pelas quais os pais podem ajudar ou dificultar a criança a superar seus problemas. O autor ainda frisa a importância de avaliar o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança, que nos permite reconhecer aquelas crianças que necessitam de ajuda mais extensa.

Em 1999, também, Joan Symington, membro da sociedade Psicanalítica australiana e da Sociedade Britânica de Psicanálise, publica “A pequena alquimista obsessiva”. Symington utiliza a experiência psicanalítica com uma criança obsessiva, para destacar o momento do *insight* na análise de crianças. Além disso, compara o processo de oscilação que ocorre na mentalidade obsessiva, em que as forças opostas são compreendidas como estados mentais prematuramente sofisticados, tais como mania ou paranóia, que interferem no estado mental fluido, adequado para a ocorrência do *insight*.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo apresenta o penúltimo artigo do ano de 1999 sobre o tema. Em “Travessia da adoção – a ferida na alma do bebê”, a autora sustenta que o bebê adotado é um ser com um risco maior de alcançar a subjetividade e o desenvolvimento mental saudável. E considera a adoção como uma situação traumática para o bebê, que exige dos pais adotivos um árduo trabalho de elaboração psíquica. Em exemplo clínico ilustra os desafios para um adolescente adotado e a pertinência da intervenção psicanalítica em tais casos.

Finalizando o ano de 1999, Martha Maria de Morais Ribeiro, usando exemplos de sua experiência clínica com crianças e adultos, escreve “*Rêverie* hostil e *rêverie*

benigna". Estuda a função de *rêverie* aplicada à psicanálise, a partir da intuição de Bion de que deveria haver um continente com uma *rêverie* com capacidade de acolher com discernimento os bombardeios dos elementos beta vindos do bebê, via identificação projetiva, para contê-los, ressignificá-los e transformá-los em símbolos e pensamentos. Preconiza, valendo-se de tal fundamentação teórica que a *rêverie* hostil tem a ver com fenômenos que, não tendo sido elaborados e uma vez reabertos, surgem sob a forma de terror sem nome, de transtornos do pânico e pesadelos. Já a *rêverie* benigna agirá no sentido de conter a explosão mental do paciente dessa revivência, porque a área traumática é campo com minas mortíferas e contém grande persecutoriedade, pontos de fixação de questões ideativadas e afetivadas intocáveis e áreas de tabus e conluios que põem o paciente à margem da vida real.

E, no ano de 2001, trabalhos como "Os pais na anorexia nervosa. Uma abordagem psicanalítica", de autoria de Gonzalo Varela Viglietti, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica do Uruguai e "Electra Cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o Complexo de Édipo", de H. C. Halberstadt-Freud, membro efetivo da Sociedade Psicanalítica Holandesa, enfatizam o valor da relação com os pais e a importância do desenvolvimento psíquico saudável se articular com o trabalho psicanalítico.

Mônica Guimarães Teixeira do Amaral, também em 2001, retoma a temática no artigo "Adolescentes sem limites ou 'funcionamentos limite' diante de uma existência que exige a demissão do sujeito?", no qual aborda as dimensões regressivas e autoritárias que o mundo contemporâneo impõe aos nossos jovens.

Maria Lúcia Ferrão de Sousa Campos, em 2002, publica "O pequeno grande soldado (quando as palavras chegam...)". Trata-se de um relato clínico de uma menina, no qual mostra como, durante o processo psicanalítico, a linguagem convencional foi sendo transformada em linguagem própria, e especifica a interioridade da criança.

No mesmo ano de 2002, Mércia Maranhão Fagundes escreve "Uma abertura para a adolescência". Preocupada com a necessidade de elaborar a perda de uma relação analítica que chega ao fim, a autora apresenta fragmentos clínicos da análise de uma adolescente.

Marisa Pelella Mélega, por outro lado, com o propósito de comunicar e apresentar as expressões inconscientes das atividades lúdicas de crianças, durante sessões pais-crianças, formula o artigo “Gerando significados no trabalho com pais-crianças” (2002). E, em “Um *self* sem berço. Relato de uma intervenção precoce na relação pais-bebê” (2002), Maria Cecília Pereira da Silva, por meio de um relato clínico, mostra como um bebê com um transtorno de sono expressa uma patologia fruto da transmissão psíquica através das gerações.

Contribuindo com os trabalhos sobre o tema, ainda em 2002, “‘Abalos’ nas mãos, ‘coisas de tremer’: sobre a polifonia discursiva das perturbações de crianças”, de Áurea Maria Lowenkron, discute as mudanças e permanências no campo da psicopatologia infantil, a partir da premissa de que a sociedade, a cada época, promove modos preferenciais de subjetivação e fornece, para os sentimentos e os comportamentos humanos, certas significações que guiam a apreensão, interpretação e categorização de fenômenos empíricos.

O ano de 2003 tem seu início com os trabalhos “Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade”, de Rute Stein Maltz, e “Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick”, de Theodolinda Mestriner Stocche, que reafirmam a importância da incorporação do método citado na formação de analistas.

Em 2004, Mércia Maranhão Fagundes publica “Psicanálise e crianças: um panorama clínico”, objetivando descrever sua experiência clínica com a psicanálise infantil. Refere-se, à relação do analista com os pais, apontando para a absoluta necessidade de um relacionamento harmonioso entre analista e família para a manutenção e o desenvolvimento do processo analítico.

Os artigos “Entre a ‘balada’ e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes” (2004), de Ana Maria Stucchi Vannucchi e “Casos-limite na adolescência” (2004), de Raquel Plut Ajzenberg, discutem questões fundamentais com as quais se defronta o analista de adolescentes. E Marina Ramalho Miranda apresenta “O mundo objetal anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes” (2004). No mesmo ano, o conjunto de autoras Mariângela M. de Almeida, Magaly Miranda Marconato e Maria Cecília Pereira da Silva, por meio de

vinhetas clínicas, traz uma proposta de intervenção precoce em “Redes de sentido: evidência viva, na intervenção precoce com pais e crianças”.

Ainda em 2004, Vera Regina J. R. Marcondes Fonseca, Vera Silvia Raad Bussab e Lívia Mathias Simão, valendo-se da transcrição de uma sessão de um menino de 11 anos, diagnosticado como tendo um transtorno autístico, publicam o trabalho “Transtornos autísticos e espaço dialógico – breve conversa entre a psicanálise e o dialogismo”.

Encerrando o ano de 2004, Virginia Ungar em “O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje” refere-se à clínica psicanalítica com adolescentes, na época atual. Primeiramente faz um breve resumo sobre autores que escreveram sobre adolescência, para em seguida enfocar o problema atual da adolescência diante das mudanças, em relação à geração anterior. Finalmente aborda a questão da analisabilidade do adolescente e também os motivos mais frequentes da consulta em pacientes dessa faixa etária, nos dias de hoje.
Um exemplo clínico é apresentado sobre uma adolescente que iniciou o trabalho analítico aos 15 anos de idade, encontrando-se agora no terceiro ano de análise, para ilustrar alguns aspectos da problemática adolescente e ao mesmo tempo, aspectos técnicos característicos do trabalho analítico com pacientes dessa idade.

“Los degradados, pra fora, pra baixo, morte, o trauma transmitido e infligido, conforme foi encontrado na análise de uma menina de seis anos”, de James M. Herzog, torna-se um dos únicos trabalhos sobre o tema publicado, no ano de 2005. Descrevendo os jogos e brinquedos, na análise de uma menina de 6 anos, o autor aponta a possibilidade de um trauma, infligido ou transmitido, ser de fato uma camada encobridora de um outro trauma, este ainda mais profundo e perturbador.

Luiz Eduardo Soares, levando em consideração a hipótese de que a exclusão social no mundo contemporâneo diz respeito a todos nós, inclusive à psicanálise, apresenta o caso clínico “Verdade e reconciliação: a menina que se salvou da violência agarrando-se ao símbolo” (2006). Também em 2006, Silvane Maria Bonioni Vassimon de Figueiredo, em “Configurações de prisão e de liberdade. Considerações técnicas com adolescentes”, apresenta peculiaridades técnicas de seu trabalho com jovens, levando em conta a noção freudiana dos estados mentais iniciais de não

representação e a evolução técnica no trabalho com os mesmos. Ainda em 2006, em "A noite e seus filhos (o sono e o falecimento) e pesadelos ao longo da infância", Ane Marlise Port Rodrigues refere-se à noite, como cenário de um ritual da passagem do adolescente para o mundo dos adultos.

Fechando o ano de 2006 com primazia, a dupla José Ottoni Outeiral e Eloisa Helena Rubello Valler Celire, em "Freud: um psicanalista de adolescentes", com base em três vertentes, procuram o conceito de adolescência em Freud e buscam demonstrar a significativa importância que o autor dava a esta etapa do desenvolvimento emocional.

O ano de 2007 finaliza o último período histórico com três contribuições. Uma da psicanalista Gina Khafif Levinzon, em "Diário de um espelho: a relação analítica e a construção primordial de um psiquismo". Preconizando que no trabalho psicanalítico, nos apresenta pessoas que se caracterizam pela inacessibilidade no contato e pela grande fragilidade do ego em lidar com as pressões externas e internas. A autora aborda o tema a partir do caso clínico de uma menina que apresentava intenso retraimento, com grandes prejuízos para sua relação com as pessoas que a rodeavam. Na situação analítica, a paciente se negava a interagir e a falar com a analista por um longo tempo, atribuindo sua resistência ao sentimento de *vergonha*. É examinada a configuração narcísica presente nesse estado afetivo, assim como o manejo técnico utilizado para estabelecer um canal de aproximação que favorecesse um vínculo mais consistente. Criou-se, a partir da construção conjunta da dupla analítica, uma espécie de *espelho vivo*, que permitiu a construção gradual de uma estruturação narcísica mais integrada. Aos poucos, a paciente pôde se desenvolver, abandonar seu estado de mutismo e abrir portas para sua criatividade e espontaneidade.

A segunda contribuição é de Marina Trench de Oliveira – "Cabelos: da etologia ao imaginário", neste artigo, o atendimento de uma criança que tinha grande atração por "cabelos" levou a autora a investigar o tema. Foi realizado um apanhado da função dos cabelos do ponto de vista anatômico, biológico e etológico, concluindo-se que, tendo uma função protetora onto e filogenética, os cabelos constituem a preconcepção de um objeto que nos contém e mantém seguros. O fato de os cabelos se prestarem a ser utilizados, como defesa contra diferentes tipos de angústia, encontra expressão

nos hábitos e costumes dos povos, em diferentes épocas, em seus mitos e contos. Os cabelos surgem também, com frequência, nas situações clínicas, e a autora aponta seu uso para fazer frente às angústias de separação, sua manipulação como defesa contra angústias persecutórias, a alopecia como expressão do medo da perda do objeto de amor e como expressão de defesa contra o risco de se tornar "não-ser".

A última contribuição do ano, de Cássia A. N. B. Bruno, mostra como a anorexia masculina é um ótimo exemplo de patologia contemporânea e permite ilustrar as indagações que se colocam ao analista frente a esses pacientes. Basicamente, a reflexão privilegia estas perguntas: de que lugar fala o analista? Qual é sua metodologia básica? Qual é sua técnica? Quais os pré-requisitos para se colocar no lugar de analista? Resumidamente a proposta é formalizar a postura teórica que fundamenta a abordagem dos casos ditos de patologia narcísica no artigo intitulado "Abordagem clínica na psicanálise contemporânea com enfoque em caso de anorexia masculina".

Considerações finais

Tendo, assim, descrito os principais trabalhos que marcam o último momento histórico da *Revista Brasileira de Psicanálise,* delimitado por nossa pesquisa, podemos aventar algumas considerações sobre o panorama da produção teórica sobre psicanálise de crianças no periódico. Desse modo, aprecia-se a consolidação de uma prática psicanalítica com crianças, amparada em uma diversidade de psicanalistas que se dedicaram à criança em nosso país.

Embora a base da psicanálise de crianças no Brasil esteja enraizada em autores estrangeiros, é visto que acompanhar seu histórico de produção, a partir da *Revista Brasileira de Psicanálise*, permite refletir como a psicanálise com crianças foi construída e sobre sua formação identitária em nosso país. Além disso, analisar as produções permitiram compreender como tem ocorrido o estudo da psicanálise de crianças e adolescentes em nosso país, como também o amadurecimento do trabalho. De maneira especial foram ricas as produções teóricas e estudos de caso, podendo deixar claro sobre a cientificidade da psicanálise em nosso país.

Concluindo, observamos uma expansão de tal trabalho por meio da formação de novas Sociedades de psicanálise com crianças, em diversas partes do país, em especial no interior paulista e no Rio Grande do Sul. Tal observação embasa-se no

fato de registrarmos um aumento significativo de artigos e autores dedicados à psicanálise de crianças, apresentados por intermédio da produção teórica sobre psicanálise de crianças na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Abstract. This work deals with the qualitative analysis of data from a quantitative study presented in the article The Brazilian Journal of Psychoanalysis in numbers: a quantitative study on the topic of child psychoanalysis, published in 2022 in the Magazine Sciences Fap. Initially, three categories were formulated for the analysis of the articles. Then, to continue the work, four historical moments of the periodical will be presented, in order to facilitate a better contextualization of Child Psychoanalysis in Brazil through theoretical production in the Brazilian Journal of Psychoanalysis. Influences from foreign authors, pioneers in relation to national authors, will also be analyzed. A study like this is necessary to understand the importance of the development of psychoanalysis in our country, as well as the interrelationship with foreign authors.

Keywords: History. Child psychoanalysis. Brazilian Journal of Psychoanalysis.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, A. La existencia de la organización genital en el lactente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 18-45, 1967.

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal:** um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

AJZENBERG, R. P. Casos-limite na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 581-592, 2004.

ALMEIDA, M. M. A.; MARCONATO, M. M.; SILVA, M. C. P. Redes de sentido: evidência viva na intervenção precoce com pais e crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 637-648, 2004.

ALVAREZ, A. Identificação projetiva como comunicação: sua gramática em crianças psicóticas borderline. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 35-46 1996.

ALVES, S. C. “Ilusão de holding” e a função materna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 59-66, 1980.

AMARAL, L. A. Adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 94-107, 1967.

AMARAL, M. G. T. Adolescentes sem limites ou “funcionamentos limite” diante de uma existência que exige a demissão do sujeito? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 1001-1021, 2001.

AZULAY, J. D. Conflito das gerações – Sexo X Tóxico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 427-433,1973.

BANDAROVSKY, J.; BRAZ, M. A “criança” da psicanálise: algumas reflexões sobre a metáfora. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 107-119,1996.

BARROS, E. L. R. Crescimento emocional e análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 25, n. 4,p. 683-700, 1991.

BARROS, I. G. Hans e o Pequeno Homem Galo: comentários sobre os primórdios da teoria e da técnica em análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 93-106, 1996.

BARROS, I. G. Técnica em análise de criança. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 151-157, 1982.

BASTOS, T. R. Comunicação em análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 553-569, 1988.

BICUDO, V. L. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise de Crianças no Brasil: Parte I. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 661-672, 1988.

BITTENCOURT, A.-M. L. Encantos e desencantos dos contos de fada. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 211-225, 1990.

BRAFMAN, A. H. Tirando partido das influências mútuas entre pais e filhos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 339-361,1999.

BRAGA, M. C. Interação psicanalítica com pais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 169-178, 1996.

BRUNO, C. A N. B. Abordagem clínica na psicanálise contemporânea com enfoque em caso de anorexia masculina. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 53-65, 2007.

CAMPOS, M. L. F. S. O pequeno grande soldado (quando as palavras chegam...). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 381-403, 2002.

FAGUNDES, J. O. O brincar na análise de uma criança – reflexão sobre a imitação e criação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 489-504, 1992.

FAGUNDES, M. M. Psicanálise e crianças: um panorama clínico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 95-111, 2004.

FAGUNDES, M. M. Uma abertura para a adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 405-415, 2002.

FARIAS, E. P.; TUCHERMAN, S. E. A observação da relação mãe-bebê e a formação analítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 595-609, 1988.

FAVILLI, M. Reflexões sobre o tema: "Técnica de psicanálise de crianças". **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 159-170,1982.

FERRO, A. Da alucinação ao sonho: da evacuação à tolerância à dor, na análise de um pré-adolescente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 47-60, 1996.

FIGUEIRA, S. A. Algumas idéias sobre Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 171-177, 1990.

FIGUEIREDO, S. M. B. V. de. Configurações de prisão e de liberdade. Considerações técnicas com adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 149-168, p. 149-168, 2006.

FONSECA, V. R. J. R. M.; BUSSAB, V. S. R.; SIMÃO, L. M. Transtornos autísticos e espaço dialógico – breve conversa entre a psicanálise e o dialogismo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 679-6924, 2000.

FONTES, M. H. S. Cavalo de fogo, a dona do mundo e outros heróis ou o primado da alucinação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 133-140, 1996.

FRANÇA, N. R. A. Adolescência e defesas fóbicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 201-208, 1996.

GIANNOTTI, A.; ASTIS, G. Nascimento e autismo: considerações sobre a relação psicótica precoce mãe-bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 201-220, 1983.

GRAÑA, R. Relação, destruição e uso de objeto: egoidade e alteridade numa perspectiva epistêmica winnicottiana. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 541-558, 1998.

HALBERSTADT-FREUD, H. Electra Cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o Complexo de Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 143-168, 2001.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Aquisição gradual da capacidade de auto-continência emocional e da noção de identidade por uma criança autista e comunicação expressiva do analista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 115-138, 1993.

HAUDENSCHILD, T. R. L. Refazendo passos iniciais da constituição da realidade psíquica na análise de uma criança de seis anos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 241-261,1996.

HERZOG, J. M. Los degradados, pra fora, pra baixo, morte, o trauma transmitido e infligido, conforme foi encontrado na análise de uma menina de seis anos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 75-93, 2005.

IENCARELLI, A. M. B. Masturbação e maternalidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 583-593,1988.

IANCARELLI FILHO, J. I. Psicanálise e psicoterapia com crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 121-132, 1996.

KATZ, G.; COSTA, G. P. O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 329-340,1996.

KNOBEL, M. A inclusão do “Acting-out” terapêutico na interpretação durante a psicanálise de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 47-57, 1980.

KORIN, S. Os adolescentes e a prática psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 373-385, 1975.

LEÃO, I. C. Identificação e suas vicissitudes conforme observada na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 157-177, 1987.

LEVISKY, D. L. “Acting out” na análise de crianças: um meio de comunicação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 509-527,1987.

LEVINZON, G. K. Diário de um espelho: a relação analítica e a construção primordial de um psiquismo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 99-113, 2007.

LEVY, R. Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição – dilemas na contratransferência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 223-240,1996.

LINS, M. I. A. O jogo dos rabiscos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 191-210,1990.

LISONDO, A. B. D. Travessia da adoção – a ferida na alma do bebê. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 495-514, 1999.

LISONDO, A. B. D. et al. Psicanálise de crianças: um terreno minado? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 9-26, 1996.

LOWENKRON, A. M. “Abalos” nas mãos, “coisas de tremer”: sobre a polifonia discursiva das perturbações de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 567-584, 2002.

LOWENKRON, A. M. Sobre o início da análise de criança: algumas particularidades. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 27-34, 1996.

LUZ, R. Winnicott e a experiência artística. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 122-139, 1990.

MALTZ, R. Observação de bebês – método Bick – uma vivência emocional significativa para a criatividade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 631-646, 2003.

MANHÃES, M. A análise de criança na formação psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 221-234, 1983.

MANHÃES, M. Considerações sobre o conceito de latência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 5, n. 3 e 4, p. 255-272, 1970.

MARCHEVSKY, N. Três sonhos de um adolescente obsessivo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 309-328, 1980.

MARCHEVSKY, N. Uma criança em silêncio. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 323-341, 1977.

MARTINS, C. Bases psicodinâmicas da delinqüência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 175-184, 1991.

MEDINA, A. S. Ensayo de integración entre algunas teorías de W. R. Bion con las del psiquismo fetal. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 61-78, 1973.

MÉLEGA, M. P. Constituição versus ambiente: diálogo decisivo na formação e transformação psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 681-704, 1993.

MÉLEGA, M. P. Gerando significados no trabalho com pais-crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 531-540, 2002.

MÉLEGA, M. P. Observação da relação mãe-bebê – instrumento de ensino em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 309-324, 1983.

MÉLEGA, M. P. Reflexões em torno de uma supervisão com Wilfred Bion. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 157-168, 1996.

MELLO FILHO, J. Donald Winnicott, 19 anos depois. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 227-247, 1990.

MIRANDA, R. B. P. Inter-relação da observação da inter-relação mãe-filho com o trabalho psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 267-273, 1982.

MIRANDA, R. M. O mundo objetal anoréxico e a violência bulímica em meninas adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 309-334, 2004.

MOREIRA, M. S. G. Arco-íris e fatas morganas de (-k) a (k). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 147-156, 1996.

OLIVEIRA, M. H. R. C.; ROSENBERG, M.; MALZYNER, M. Transicionalidade e suas vicissitudes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 141-146, 1996.

OLIVEIRA, M. T. Cabelos: da etologia ao imaginário. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 135-151, 2007.

OSÓRIO, L. C. A comunicação na análise de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 431-442, 1976.

OTTALAGANO, C. A.; SZTERLING, G. L.; SZTERLING, F. O conflito das gerações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 321-338, 1973.

OUTEIRAL, J. O.; CELIRE, E. H. R. V. Freud um psicanalista de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 43-54, 2006.

PESSANHA, A. L. Adolescência: confronto, risco, parceria. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 61-66, 1996.

PHILIPS, F. A função da adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 451-467, 1967.

POPESCO, C. A. O tratamento da angústia na criança maníaca. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 67-92, 1996.

RIBEIRO, M. M. de M. Rêverie hostil e rêverie benigna. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 431-447, 1999.

RODRIGUES, A. M. P. A noite e seus filhos (o sono e o falecimento) e pesadelos ao longo da infância. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 183-190, 2006.

SACRAMENTO, N. W. Aspectos não verbais em análise de crianças. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 191-200, 1996.

SAYAD, M. A violência de um menino de doze anos como alternativa à morte psíquica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 179-190, 1996.

SEEWALD F.; CARON, N. A. Algumas reflexões sobre a contratransferência na análise de crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 571-582, 1988.

SETTLAGE, C. F. Contribuição da análise de crianças ao ensino de análise de adultos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 353-365, 1977.

SCHNEIDER, G. A participação e a orientação das figuras ambientais na análise de crianças, adolescentes e psicóticos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 13-22, 1981.

SCHNEIDER, G. et al. O conflito das gerações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 263-311, 1973.

SIGRES, R. F. Tentativa de abordagem psicanalítica de um caso de autismo infantil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 227-250, 1986.

SILVA, J. F. G. A unidade básica, o autismo primário normal, a ansiedade de separação e processo de identificação projetiva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 43-53, 1989.

SOARES, L. E. Verdade e reconciliação: a menina que se salvou da violência agarrando-se ao símbolo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 61-66, 2006.

SOUZA, P. L. R.; FRANCISCO, B. S. S. Crianças passionais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 209-221, 1996.

STEINER, J. Vingança e ressentimento na “situação edípica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 973-986, 1997.

STOCCHE, T. M. Observação da relação mãe-bebê: método Esther Bick. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 647-654, 2003.

SYMINGTON, J. A pequena alquimista obsessiva. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 363-374, 1999.

TALBERG, G. Alguns aspectos na evolução do tratamento psicanalítico de uma criança de três anos de idade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 446-465, 1982.

UNGAR, V. O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje. Revista Brasileira de Psicanálise, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 735-749, 2004.

VALLER, E. H. R. A teoria do desenvolvimento emocional de D. W. Winnicott. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 155-169, 1990.

VANNUCCHI, A. M. S. Entre a “balada” e o convento: reflexões sobre análise de adolescentes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 271-284, 2004.

VIGLIETTI, G. V. Os pais na anorexia nervosa. Uma abordagem psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 97-106, 2001.

VILETE, E. O brinquedo e o sonho. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 25-34, 1995.

ZAIDAN, M. A simbolização vista através da análise de uma criança. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 66-94, 1970.

ZAVASCHI, M. L. S.; ARAUJO, M. S. Ansiedades pré-edípicas num menino adotado. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 611-620, 1988.

ZIMMERMANN, D. Analisabilidade em relação à psicopatologia precoce. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 197-221, 1982.